
R

ESENHAS

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008, 238pp.

RELIGIÃO EM MOVIMENTO

João Everton da Cruz

Em “O Peregrino e o Convertido”, Hervieu-Léger apresenta uma análise da situação das religiões e das expressões de fé no mundo de hoje de um ponto de vista sociológico. A autora busca esclarecer aspectos da evolução do quadro religioso na modernidade, constatando o fim das entidades religiosas antigas e o aparecimento de novas crenças, com outras motivações para crer, e com a independência em relação às instituições religiosas históricas. Ela faz um percurso pelo universo religioso dentro da ótica sociológica, trazendo elucidativos exemplos dos fenômenos das crenças no mundo contemporâneo e uma reflexão sobre a mobilidade religiosa. Essa mobilidade engloba os movimentos de renovação protestante, católica e islâmica. Em lugar do “praticante” surgem duas figuras: o “peregrino” e o “convertido”. O que existe agora são comunidades regidas pelo individualismo religioso, vigorando o “crer sem pertencer” e a “bricolagem de fé”.

Na descrição do cenário atual, a autora cita uma viagem que fez a Andorra,

onde pode constatar o esvaziamento da prática religiosa tradicional. Nos vales que foram muito povoados no passado, a religião era o centro de todas as atividades da comunidade. Hoje quase não há prática religiosa. Apenas o movimento dos turistas. Há uma nova forma de “culto”: um grande número de pessoas e de famílias se reúne numa “catedral” de cristal e aço para tomar banhos de piscina, sauna e fazer exercícios. O culto ao corpo, à saúde e à satisfação pessoal predomina hoje, em contraposição ao antigo mundo religioso já em extinção. Assim, estabelece-se uma situação paradoxal: de um lado, o mundo religioso já desaparecido, e de outro, as novas formas de culto. As sociedades tendem a ser leigas, e a fé, um assunto individual.

A velocidade das mudanças no progresso da sociedade vai gerar um movimento de crenças religiosas individuais. A visão de modernidade e da religião foi revista pela sociologia. Dois aspectos são considerados: a dispersão das crenças e condutas, de um lado, e a desregulação institucional da religiosidade, de outro. Deixa-se de pensar numa religião histórica. Novas crenças passam a compor o religioso, baseadas na experiência subjetiva dos indivíduos, e, não, na verificação e na experimentação, que caracterizam o mundo racional. Essas crenças baseiam-se em práticas, gestos e automatismo. Têm caráter fluido e disperso, com empréstimo de grandes tradições religiosas ou bíblicas. As crenças modernas são entendidas do ponto de vista da bricolagem, já que sua definição estrita se torna cada vez mais difícil. Nas crenças contemporâneas, constatamos que o religioso não está só nas instituições religiosas, de forma compacta e concentrada; ele se encontra ativo e latente, explícito ou implícito, na realidade social, cultural e psicológica.

A modernidade prima pelo caráter racional para explicação dos fenômenos naturais, sociais ou psíquicos. Os conceitos da sociedade se baseiam no pensamento científico. Os indivíduos devem construir o mundo em que vivem, usando de sua competência, e darem o rumo que desejam à sua própria existência. Nessas sociedades modernas, o mundo político e o religioso se separam; a arte, a ciência, a moral e a cultura são instâncias diferenciadas. Ao adquirir autonomia em sua própria construção, a sociedade se libertou da tutela religiosa. Entretanto, o ritmo acelerado das mudanças na modernidade e os progressos científicos e técnicos levam os indivíduos a experimentarem instabilidade e insegurança. Nesse mesmo contexto de secularização, convivem novas formas de religiosidade, representantes de novas experiências do sagrado.

A Revolução Industrial, no século XIX, gerou intensas mudanças na vida social dos indivíduos, que passam a vivenciar um vazio resultante da dinâmica do desenvolvimento. É aí que aparecem novas crenças, como alternativas dos indivíduos na busca por solucionar seus conflitos, suas inseguranças, e para satisfazer as expectativas advindas do mundo moderno. As novas crenças surgem sob o controle das grandes instituições religiosas. A partir delas, os indivíduos constroem seu sistema de fé. Na França, lócus por excelência do trabalho de Hervieu-Léger, o quadro religioso vai se modificando ao longo do século XX. Cresce a tolerância religiosa para um

grande número de pessoas, já que não se admite a existência de uma única religião verdadeira, e o relativismo se torna a nova marca da religiosidade. Paralelamente, o pragmatismo e a visão probabilística ganham cada vez mais terreno. Nesse cenário, surge o católico peregrino, dentro de uma fé móvel. O Papa João Paulo II mesmo foi chamado “o papa peregrino”, comprovando a nova tendência religiosa. Decresce o número de praticantes regulares que faziam parte da utopia religiosa e asseguravam a submissão ao clero, com a visão de uma sociedade paroquial completa e sem concorrência. A partir da guerra de 1914-1918, muda o quadro social e surge a figura do praticante irregular ou do não-praticante. O catolicismo não tem o domínio social de antes. Os indivíduos passam a se organizar na prática movidos pela necessidade interior ou escolha pessoal. Em outras religiões o praticante com motivações individuais ganha a cena, como no judaísmo e no protestantismo.

A figura do “peregrino” caracteriza a modernidade religiosa, e, ao mesmo tempo, vem de uma prática religiosa antiga, dos primórdios da Igreja Católica. Nela os jovens experimentam a liberdade da prática religiosa. Um exemplo desse caráter peregrino são as Jornadas Mundiais da Juventude. No fim do século XX, ocorrem também muitas conversões. A autora destaca três principais tipos de convertidos. O primeiro é o indivíduo que “muda de religião”, deixando um pertencimento anterior para abraçar uma nova fé. O segundo tipo é aquele “sem-religião”, que passa a pertencer a uma crença de forma autônoma. O terceiro tipo é o “re-afiliado”, também chamado de “convertido de dentro”, fenômeno de acolhimento de um devoto dentro do seio da religião a qual se filiava anteriormente característico dos movimentos de renovação do protestantismo e do catolicismo.

No passado, existiram grandes convertidos. Um exemplo desta experiência, no mundo cristão, é Santo Agostinho. Jovens islâmicos voltam a se apropriar da sua tradição religiosa, são “re-islamizados” buscando a reintegração na sua comunidade de origem. Nesse sentido, a autora ressalta a afinidade paradoxal das crenças flutuantes contemporâneas, de caráter mágico com o mito do poder das técnicas. A linha mestra do livro é a fundamentação com dados de pesquisa e fatos históricos e sociológicos da realidade paradoxal em que convivem as religiões emergentes e o antigo mundo religioso que caracteriza o pano de fundo das novas práticas na modernidade.

João Everton da Cruz (jooevertoncruz@yahoo.com.br)

Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, com o Projeto de Pesquisa “FREI DAMIÃO: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro”, sob a orientação do Dr. Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira.